

S. PAULO, FEVEREIRO DE 1925

# Poemas Lyricos

Gustavo  
Teixeira

o novo Poeta nº 2  
Mensário dirigido por Nuto Sant'Anna

"... VERSOS QUE SÃO A IRRADIAÇÃO DA ALMA DE UM POETA SOLITÁRIO E GENIAL, QUE PREFERE AO RUMOR DAS URBS Vãs E ABSORVENTES, TÃO CHEIAS DE EGOÍSMO E DE LAMA, O ESPLendor NATIVO DOS CAMPOS, ORÇE O CORAÇÃO DOS HOMENS, MAIS EM CONTACTO COM A NATUREZA, NASCE E VIVE PARA SER BOM..." - NUTO SANT'ANNA.

COM FÉ E ORGULHO A TERRA EM QUE NASCESTE  
GILBERTO OLIVEIRA - BILAC

POEMAS LYRICOS

1925

II

GUSTAVO TEIXEIRA

PREÇO AVULSO  
- \$000



ASSIGNATURAS

Por um semestre, de Janeiro a  
Junho, seis volumes . . . 15\$000  
Número avulso . . . 4\$000

As assignaturas, nesta Capital,  
tomam-se na Livraria Teixeira, á  
Ladeira de S. João n. . . ; no Interior,  
com os nossos Agentes.

Publicação mensal de poetas  
brasileiros.

Cada volume conterá trabalhos  
de um unico autor.

A capa deste numero é de S. Meirelles

Ler é instruir-se; ler a sua  
gente não só é instruir-se: é tambem  
ser patriota.

Poesia

90

544655 96/4

Ja ed.  
com o separ  
da brochura

OS NOSSOS POETAS

MENSARIO DIRIGIDO POR NUTO SANT'ANNA

PUBLICADOS

N. I — MORTE, MORTE DE AMOR..., . . . Nuto Sant'Anna  
N. II — POEMAS LYRICOS . . . . . Gustavo Teixeira

PARA MARÇO, O GRANDE POETA  
ALFREDO DE ASSIS

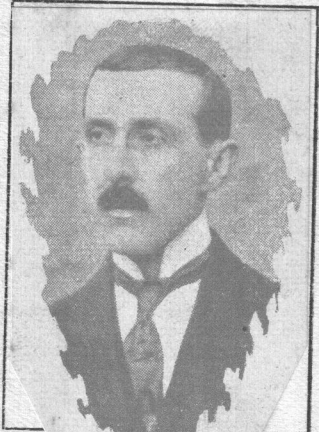
Em CHAMMA EXTINGCTA

GUSTAVO TEIXEIRA

(GUSTAVO DE PAULA TEIXEIRA)

NATURAL DE S. PEDRO, MUNICIPIO DE PIRACICABA,  
ESTADO DE S. PAULO

Gustavo de Paula  
Teixeira, filho de Francis-  
co de Paula e Silva, lavra-  
dor, e Miquelina Teixeira  
de Escobar, nasceu em S.  
Pedro, a 4 de Março de  
1881. Fez todos os seus es-  
tudos com seu irmão Fran-  
cisco Teixeira, não tendo  
frequentado collegio nem  
escola publica. Residiu  
alguns annos em S. Paulo,  
onde estudou e trabalhou  
na «Folha Nova», jornal



96

vespertino de Garcia Redondo, em 1905. Desde 1906 reside em São Pedro, ali exercendo o cargo de Secretario da Camara e da Prefeitura, cidade donde não tem querido sahir apesar de offercimentos de bons logares na imprensa do Rio. Publicou, em 1908, o Ementario, livro de versos prefaciado por Vicente de Carvalho, elogiado pelos maiores criticos do tempo, entre elles Sylvio Romero, Osorio Duque Estrada e por escriptores como Luiz Guimarães Filho, Conde de Affonso Celso, Goulart de Andrade, Rocha Pombo, João Ribeiro, Mello Moraes Filho, Alfonsus de Guimarães, Emiliano Pernetta, Dr. Göran Björkman (de Stockolmo), Julia Lopes de Almeida, Orlando Marçal, João do Rio, Rufiro Tavares e muitos outros e pela imprensa em geral. O numero de Setembro, da A PANOPLIA, revista paulistana de Cassiano Ricardo, publicada em 1917, insere dados biographicos de Gustavo Teixeira, num estudo (incompleto) de Aristêo Seixas sobre o Ementario.

#### OBRAS DO MESMO AUTOR

Ementario, versos, 1908 (Exgot.)

##### A PUBLICAR

Poemas Lyricos — segunda serie  
O Sonho de Marina — poemeto  
A canção da primavera — poemeto  
Ultimo Evangelho — poema  
Canções Modernas —  
Poetas Paulistas — anthologia

Alguns juizos sobre o Ementario, livro de estrêa de Gustavo Teixeira, apparecido em 1908, com prefacio de Vicente de Carvalho:

«... Comecei, como era de regra, pelo prefacio de Vicente de Carvalho, prefacio que se me antolhou um bello portico a um edificio ainda mais bello.

Vejo que o Brasil de agora não desmente sua velha caracteristica de patria dos bons poetas lyricos.

Quasi ao mesmo tempo recebi as «Selvas e Céos» de Pereira Barreto, as «Apotheoses» de Hermes Fontes e o seu bello livro Ementario. Em uma simples carta não posso estabelecer parallelos e fazer critica; apenas direi que os tres poetas são tres aguias distanciadas no vôo pelo tempo da partida. — Silvio Romero — Da Academia Brasileira.»

«... não foram poucas as bellezas, nem raras as preciosidades que essa leitura me deparou.

Gustavo Teixeira é autor de algumas estrophes que poderiam ser assignadas pelo mais acclamado dos poetas de nossa terra.

Cultiva pouco o soneto, ou, pelo menos, com mais sobriedade que os outros vates de sua geração. E' um novo titulo que o deve recommendar á estima publica, principalmente porque os sonetos só lhe saem da penna com o apuro e o remate que se devem sempre exigir em taes produções.

... Muitas outras produções poderiam ser citadas, com grande lustre para o autor. Limito-me a deixar aqui os meus mais entusiasticos applausos ao joven artista do verso, affirmando que o Estado de São Paulo possui agora o seu segundo poeta na pessoa de Gustavo Teixeira. — Osorio Duque Estrada — Da Academia Brasileira.»

«... Eis dois volumes, recommendaveis ambos por excepçoes quilates, attestadores de dois finos,

#### IV

dois exímios engenhos artísticos: Ementario, de Gustavo Teixeira; «Vaidades», de Baptista Cepellos.

Acóde logo á memoria o velho hemistichio virgiliano: «Ambo florentes ætatibus, Arcades ambo.»

... Resta, porém, sobrejo marmore, que, á lyra amphionica de Gustavo Teixeira e Baptista Cepellos, se converterá em soberbas estatuas, dessas que, como a dos deuses pagãos, bastavam a dignificar todo um povo. — Conde de Affonso Celso — Da Academia Brasileira.»

«... Li o seu livro com o prazer que me inspiram os verdadeiros artistas e nelle encontrei muitas e muitas paginas de verdadeira belleza.

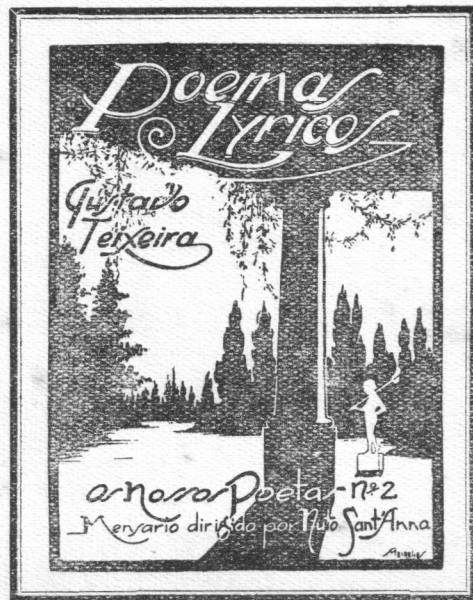
O dedo denuncia o gigante: estou certo de que em breve tempo o meu caro collega será um dos grandes poetas do nosso grande paiz. — Luiz Guimarães Filho — Da Academia Brasileira.»

«... Contento-me com a felicidade de poder exclaimar como Ulysses, na «Perfeição» do Eça: «Na verdade este ouro é bom»!

E é com effeito do mais precioso filão todo este veieiro de poesia. O seu verso, sobretudo o alexandrino, ora tem a amplitude de um pallio desdobrado, ora a flexibilidade de um vime finissimo, e sempre vestindo uma idéa de rara prosapia, numa prodigiosa riqueza de rythmos, em curvas e balanços, versos que parecem feitos de uma substancia elastica, sem falar na variedade das tonicidades feridas em vogaes differentes, á feição de escalas chromaticas... — J. M. Goulart de Andrade — Da Academia Brasileira.»

«Muito grato ao talentoso autor do formoso Ementario, saúdo-o effusivamente pelos seus triumphos — Campos Salles.»

«... Em summa, é ao grande poeta que nos apparece a homenagem desta singela expansão que não pude reprimir. — Rocha Pombo.»





A' MEMORIA DE MEUS PAES

AUREOLAS



## CANTO REAL DA GLORIA

Sob o regio docel do helleno firmamento,  
Donde os Titans reveis foram precipitados,  
Homero, a lyra á mão, celebra o valimento  
Dos argivos heróes por Pallas aureolados :  
— Canta os feitos de Ajax e Ulysses, a bravura  
De Achilles, o esplendor marcial e a formosura  
Da deusa bellatrix de graça peregrina  
Que brande contra Ilion o gladio que fulmina...  
Com dois versos conduz o plaustro da victoria!  
E côres, luz e sons o semideus combina  
Para alcançar o beijo olympico da Gloria!

Paganini dedilha o quérulo instrumento...  
 Uma nota suspira e evola-se... Abafados,  
 Vão subindo primeiro os sons num choro lento,  
 Como um flebil planger de corações maguados!  
 Dir-se-ia que o violino uma oração murmura  
 Para depois clamar! A humana desventura  
 Acorda, soluçando em tremula surdina,  
 E logo sangra numa angustia repentina,  
 Que esmaece e desmaia em queixa merencoria...  
 É uma alma que se entrega á febre que a domina  
 Para alcançar o beijo olympico da Gloria!

Sanzio, mudo, a scismar, num embevecimento,  
 Deixa o espirito alar-se a mundos encantados:  
 E no radiante céu do seu deslumbramento  
 Brilham sideralmente uns olhos adorados!  
 E, no enlevo feliz, traça, com mão segura,  
 Tenues linhas de luz, e em breve, na brancura  
 Da tela, resplandece, assim como a imagina,  
 Num halo de turqueza, a loira Fornarina  
 Que lhe enche de perfume a vida transitoria,  
 E em cujo seio busca inspiração divina  
 Para alcançar o beijo olympico da Gloria!

Phidias, contempla o alvor do Paros um momento,  
 E rasga-o: — e logo vão surgindo, arredondados,  
 Contornos feminis de um claro polimento,  
 Da venusta feição dos marmores sagrados.  
 Saltam lascas do bloco, estala a pedra dura:  
 — Um par de seios mostra a rara cinzelura,  
 Das curvas de Aphrodite o encanto predomina,  
 E às pernas do brancor ondeante da neblina  
 Sustêm do torso grego a perfeição marmorea  
 Com que o genio immortal as gerações fascina,  
 Para alcançar o beijo olympico da Gloria!

Ardem os camafeus num vivo irisamento.  
 Pelas patenas d'oiro e hostiarios rendilhados  
 Fulge a saphira azul, chispa o rubim sangrento,  
 Entre o glauco esplendor dos prasios abrasados...  
 Cellini, com ardor, faceta opalas, fura  
 Caros metaes, e crava o sol em miniatura  
 De um beryllo oriental numa custódia fina.  
 De um carvão desengasta a estrella matutina...  
 Assim, com gemmas abre um sulco astral na historia,  
 Manejando o buril de ponta adamantina  
 Para alcançar o beijo olympico da Gloria!



## OFFERTORIO

Egregia Athene! Tu, que á terra pequenina  
Lanças do Olympo o olhar, que é bençam opalina,  
Protege os que, durante a humana trajetória,  
Haurem o fel que o mundo ao Sonhador propina,  
Para alcançar o beijo olympico da Gloria!

## À SOMBRA DOS MONTES

No exilio deste valle, onde me entumbo  
Sob o velario das neblinas frias,  
Meu coração é o pendulo de chumbo  
Que marca as horas destes longos dias.

Morro de tédio, de pesar succumbo!  
O vento, que enche as solidões sombrias,  
Vae propagando o funebre retumbo  
Pelas furnas e alpestres serranias.

Sol! Tu que tinges de carmim as rosas  
E para a gloria da alvorada existes,  
Rasga nas brumas amplidões radiosas!

Quero escalar os pincaros dos montes  
Porque meus olhos vão ficando tristes  
De saudade dos amplos horizontes!

Quando Vesper irradia,  
Num lento rumor de prece,  
Tange o sino: — Ave Maria!

No azul, a astral ardentia  
De subito resplandece  
Quando Vesper irradia.

Por detraz da serrania,  
Rezando, a lua apparece...  
Tange o sino: — Ave Maria!

Ao sopro da aragem fria,  
Ondula, oirejando, a messe,  
Quando Vesper irradia.

Cada estrella um beijo envia.  
Depois que o ninho adormece,  
Tange o sino: — Ave Maria!

Dentro da sombra macia,  
Sonhando, a flor estremece  
Quando Vesper irradia.

Num tom de voz que inebria,  
Que de tão doce enternece,  
Tange o sino: — Ave Maria!

Numa suave nostalgia,  
A alma feliz se embevece  
Quando Vesper irradia.

Um véo de melancolia,  
Tecido por anjos, desce...  
Tange o sino: — Ave Maria!



Cheiram flores na agonia...  
A tarde é morta. Anoitece...  
Quando Vesper irradia  
Tange o sino: — Ave Maria!

## B O R B O L E T A   P R E S A

Em frente á escola paro, ás vezes, por acaso,  
E, lançando um curioso olhar pela janella,  
Descubro (pobre flor a fenecer num vaso !)  
Um busto de menina excelsamente bella.

Na mão o livro aberto, a fronte baixa, estuda  
Exhalando um discreto aroma de violeta.  
E o dia que não passa ! E o quadro que não muda !  
Que sombria prisão para uma borboleta !

Como aborrece a escola ! É sempre a mesma cousa :  
Sempre o mesmo rumor de vozes em surdina,  
Na mesma estreita sala a mesma negra lousa  
E o horror da prelecção que nunca mais termina !

E que festa ha por fóra! Um pintasilgo canta  
 E é tal a melodia extranha do seu hymno  
 Que toda de crystal parece a aurea garganta  
 Que de gottas de luz faz notas de violino!

E a prisioneira sonha... Inveja a livre pomba  
 Que, abrindo como um leque as asas rendilhadas,  
 Se perde na amplitude e das distancias zomba,  
 Na crystallinidade azul das alvoradas.

Distrac-se a ver o sol que a pino resplandece  
 E accende nos vitraes gemmiferas miragens,  
 E defronte o jardim virente, que floresce,  
 Numa palpitação continua de folhagens.

Não cessa de adejar sua alma de andorinha.  
 E ella presa! Que tédio horrivel desde as onze!  
 É tão breve o recreio e o tempo não caminha!  
 Parece que Saturno anda com pés de bronze!...

Depois pega na agulha e borda mais de uma hora;  
 Das suas alvas mãos brotam vermelhas flores.  
 Nunca nas nuvens d'oiro a rosea mão da aurora  
 Com seus fios de luz bordou eguaes primores!

E que alegria quando a injusta pena é finda!  
 Das creanças em meio ás chusmas pressurosas  
 Sae de branco, irradiando, a sua imagem linda  
 Como um lirio de jaspe entre um florir de rosas!



## A H O R A A Z U L

Todos os dias, mal desponta a aurora,  
Porque ella disse que ha de vir, desperto  
E òlho o caminho que num rumo incerto  
Vae serpenteando pelo valle a fóra.

E espero. Ella ha de vir. O dia ao certo  
Não sei: mas sei que, alegre como outr'ora,  
Neste recanto, que Setembro enflora,  
Hei de em seus braços ter o céu aberto!

Em honra da mais pura das violetas,  
A primavera abre as mais lindas rosas  
E pinta d'ouro e azul as borboletas.

Aves darão concertos crystallinos:  
Tocarão sabiás flautas maviosas  
E pintasilgos tocarão violinos...

## BALLADA DAS ROSAS

Quando se esgarça o véo das ultimas neblinas  
— Gaze que o inverno tece em mysterioso tear, —  
E o ledô gaturamo entôa cavatinas  
E os pombos nos beiraes arrulham a noivar;  
Assim que a estrella d'Alva abre o radiante olhar  
E entre nuvens assoma a aurora ao varandim,  
— A cigarra, que é a nota errante de um clarim,  
Vibrando com alarde as asas harmoniosas,  
Chia aqui, chia alli, até que um dia, enfim,  
Annuncia a triumphal resurreição das rosas!

Narcisos e cecens, papoulas e boninas,  
Finda a estação glacial, começam a mesclar  
De branco e rosicler o glauco das campinas  
Que rolam docemente ondas de um verde mar;

Flora sorrindo põe o flórido collar;  
 Borboletas azues com manchas de nankim,  
 Ou desmaiados tons de perola e rubim,  
 Irrompem não sei donde em chusmas pressurosas  
 Quando, de surto em surto, o debil volantim,  
 Annuncia a triumphal resurreição das rosas!

As torrentes que vão em curvas serpentinias  
 Rumorejando, valle a fóra, a recitar  
 As balladas de amor que boccas nacarinas  
 Cantam ao pé da fonte á luz crespuscular;  
 A nuvem, que se irisa aladamente a voar  
 De purpura tingindo a cauda de setim;  
 A aragem, que dedilha eolio bandolim  
 Fazendo farfalhar as arvores frondosas,  
 Tudo, dando expansão a um jubilo sem fim,  
 Annuncia a triumphal resurreição das rosas!

## OFFERTORIO

Quando eu te beijo, ó linda, a bocca de carmim,  
 Que encerra o mel de um cravo e o aroma de um jasmim,  
 O amor te ruboriza as faces velludosas...  
 Assim, o beijo meu, pousando num jardim,  
 Annuncia a triumphal resurreição das rosas!

## R O N D Ó

Loiro Lirio celeste, que amo tanto,  
 Vê: não tenho repouso um só momento!  
 No silencio da noite arde o meu pranto  
 Como as estrellas pelo firmamento.

Ouve a aragem nocturna o meu lamento  
 Que rebôa atravez deste recanto...  
 E não vens abrandar o meu tormento,  
 Loiro Lirio celeste, que amo tanto!

Para adorar-te a imagem de almo encanto,  
 Por alta noite, exposto ao frio e ao vento,  
 Me ajoelho ao pé de um lirio, como um santo...  
 Vê: não tenho repouso um só momento!

Dou a este amor cõmbate mais violento  
Do que os de Salamina e de Lepanto :  
Em vão ! o amor me vence, e, em fios, lento,  
No silencio da noite arde o meu pranto !

Do ethereo riso que me poz quebranto  
Não cicatriza nunca o ferimento.  
As rimas lacrimejam no meu canto  
Como as estrellas pelo firmamento !

E não ha de findar o soffrimento  
Que o olhar me cobre de uma névoa, enquanto  
Não me envolveres, como em pallio bento,  
Do teu cabelo no macio manto,  
Loiro Lirio celeste !

## B A L L A D A L Y R I C A

Mal eu te vi o grego aspeito  
E a graça regia, Eros fallaz  
Cravou sorrindo no meu peito  
Todas as settas do carcaz.  
Perdi a calma e o somno, mas  
Bemdigo o amor que esta ansia gera,  
Pois elle é o sol que luz me traz  
Ao fim da minha primavera.

Por ti, que eu amo com respeito,  
Meu coração — pombo torcaz, —  
Alvorçado e satisfeito,  
Todo em arrulhos se desfaz.



Esta paixão, funda e roaz,  
Embora abraça, é uma cratera  
Que deita flores, pertinaz,  
Ao fim da minha primavera.

Si da tua alma eu sou o eleito,  
Leva-me logo ao céu! Na paz  
De um ninho ideal de plumas feito,  
Plumas e rendas, sonharás  
No seio meu... Ó flor vivaz!  
Deus te abençõe os braços de hera  
Que hão de prender-me em nó tenaz  
Ao fim da minha primavera!

## OFFERTA

Lirio de amor! Teu beijo faz,  
Na alma que em extase te espera,  
Florir um ramo de lilaz  
Ao fim da minha primavera...

## O S A L G U E I R O

(Lenda)

Não logrando acalmar o odio dos insensatos  
Que uivavam em redor do candido Cordeiro,  
Ordenou ao Lictor, então Poncio Pilatos,  
Que o mandasse açoitar, despido o corpo inteiro.

E atado a uma columna o Mestre, entre os maus tratos  
E as vociferações do bando carniceiro,  
Sem que batesse um só dos corações ingratos,  
Fez-se a flagellação com ramos de salgueiro...

Desde então ficou sendo essa arvore a mais triste  
E a mais digna de dó que neste mundo existe,  
Curvada como Christo a arfar com o Lenho ás costas.

Sempre e sempre a chorar o seu viver mesquinho,  
Nunca mais o infeliz poudo embalar um ninho  
Nem contemplar o céu, rezando, de mãos postas!

Tão feia! Vive quasi sempre triste,  
Mal disfarçando a angustia que a alanceia,  
Porque, em verdade, a dor maior que existe  
Para a mulher que é moça — é a de ser feia!

Ser feia é a morte! É inferno que resume  
Tudo o que neste mundo mais crucia:  
A sede, a fome, o desespero, o ciume,  
A ansia de Hero, de Agar e de Maria!

Entre os espinhos desta vida, todos  
Sentem ás vezes um florir de rosas:  
Não ella — a pobre victima de apodos,  
Que se occulta nas sombras silenciosas.

Si acaso vê nalgum espelho o rosto  
Onde não brilha o mais fugaz encanto,  
Empallidece de intimo desgosto  
E os seus olhos inundam-se de pranto!

Nunca ao braço de um noivo, prazenteira,  
Ha de passar a «misera e mesquinha»  
Coroadada de botões de laranjeira,  
Arrastando uma cauda de rainha!

E é tão radiante o dia do noivado!  
Pensa no amor como num céo distante  
Em que, dentro de um sonho arcoirizado,  
Nunca ha de entrar sua alma soluçante!

Jamais se lhe abrirão as portas d'oiro  
Do Paraíso — aspiração infinda  
Dos que na terra buscam o thesoiro  
Do qual o beijo é a perola mais linda!

Mas si algum joven poussa os olhos nella,  
Sente-se envolto numa claridade  
E a sua face em purpuras revela  
A inenarravel sensação que a invade!

Rindo, transfigurada de ternura,  
 Sonha, esquecendo a condição de lesma!  
 Sonha... mas quando acorda — que amargura! —  
 Pranteia de vergonha de si mesma!

Sorte cruel! Não pode ser amada!  
 E é uma cousa que punge e dilacera  
 Fazer a humana e lugubre jornada  
 Sem ter um dia azul de primavera!

Dóe-lhe ver a alegria dos felizes,  
 Dos que, a sonhar, no turbilhão do mundo,  
 Vão com sorrisos de auroraes matizes  
 Arrebatados num amor profundo!

À noite chora inconsolavelmente  
 Na pequenina camara que habita,  
 E vê todo o porvir, como o presente,  
 Atravez de uma lagrima infinita!

Comtudo, a sorte injusta, por esmola,  
 Vestiu aquella tragica pobreza  
 De um encanto que ás vezes a consola:  
 O torrencial cabelo de princeza!

Hontem a vi. Errava numa aléa  
 De rosas brancas: e o seu vulto loiro,  
 Sob o cabelo solto, dava idéa  
 De uma mendiga envolta em manto d'oiro...

## BALLADA DA AGONIA

*(Jesus, sangrando pelas chagas  
vivas, clama dolorosa-  
mente :)*

«Para salvar a humanidade impura  
Da voragem de tenebras feraes,  
Subi a longa Rua da Amargura  
Num circulo de monstros infernaes,  
Vertendo o suor das afflicções mortaes...  
Vae parando em meu peito o coração  
Que muita vez sangrou de compaixão  
Da propria flor que fenecia na haste!  
Ardo de sede! Abrasa-me um vulcão!  
Senhor! Senhor! por que me abandonaste?

Não tem mais fim a barbara tortura!  
Abafo a custo dentro da alma os ais  
Da angustia que me abala e transfigura!  
Meu corpo, cheio de ulceras fataes,  
É um jardim de violetas funeraes,  
Orvalhadas de sangue... E choro em vão  
Vendo uma rosa aberta em cada mão...  
Depois do triumpho, a morte... Que contraste!...  
Que é desses que eu guiei na escuridão?  
Senhor! Senhor! por que me abandonaste?

Ó minha Mãe! ó Santa Creatura,  
Que neste mundo não verei jamais,  
Enxuga o pranto dessa face pura,  
Porque a dor dos teus olhos celestiaes  
Vem fazer que estas chagas doam mais!...  
Meu Deus! meu Deus! que atroz flagellação!  
A corôa de espinhos, a irrisão  
De um sceptro não bastaram! E deixaste  
Pregarem-me na cruz da execração...  
Senhor! Senhor! por que me abandonaste?»



## OFFERTORIO

*(Jesus, quasi a expirar, volve os  
olhos para o céu:)*

Abre-se o azul da Mystica Mansão...  
Descem anjos... É a Gloria!... Ó Pae, perdão  
Si eu, exgottando o Calix que me enviaste,  
Ousei clamar, numa hora de afflicção:  
«Senhor! Senhor! por que me abandonaste?»

## VISITA NOCTURNA

Á noite, na alcova escura,  
Tua imagem me apparece:  
Minh'alma, que não te esquece,  
Dentro de um sonho, fulgura!

Vens, nas horas de saudade,  
Consolar-me, si estou triste,  
Com a voz mais doce que existe,  
Toda meiguice e bondade.

Surges com o halo do Empyreo,  
Envolta no véo de neve  
Que ondula, subtil e leve,  
Como o perfume de um lirio...

Alada e loira, sorrindo,  
Pões a mão sobre o meu hombro :  
Si eu te olho com mudo assombro  
O olhar me volves mais lindo !

Como uma flor que se inclina,  
Sentas-te ás bordas do leito  
E pousas sobre o meu peito  
O alvor da fronte divina !

Recobro aos poucos a calma:  
E o meu olhar longamente  
Se embebe no teu, que, ardente,  
Enche de estrellas minh'alma.

Eu tenho a visão radiante  
De uma noite de noivado!  
Do teu cabelo ondulado  
Sobe um perfume ebriante!

Uma phrase de carinho  
Com que me encantas e enlevas,  
Abre clareiras nas trevas  
Do circulo em que caminho.

Quando me fallas, parece  
Que um anjo, piedoso e loiro,  
Embala, num berço d'oiro,  
Meu coração, que adormece...

Vieste do céu com certeza!  
Baixaste do azul profundo  
Para mostrar neste mundo  
Uma celeste belleza !

Por isso, á luz do teu riso,  
Fico sorrindo e sonhando  
Que és um dos anjos do bando  
Que vòa no Paraíso, ..

## C É O D E S E R T O

Percorro toda a habitação vasia :  
A sala azul, os amplos corredores  
Onde, nuns labios cheios de ambrosia,  
Do amor colhi as mais preciosas flores !

A imagem della — sombra fugidia  
Que julgo ouvir, fallando-me de amores, —  
Atirando-me um beijo que inebria,  
Se desvanece em espiraes de olores. . .

Levaram tudo : os quadros, os espelhos  
E a cinzelada lampada custosa  
Que junto della já me viu de joelhos.

Só eu fiquei neste ermo céu fechado  
Soffrendo o horror da Plaga Tenebrosa,  
Onde já fôra bemaventurado !

## BALLADA DAS FOLHAS MORTAS

Outomno... As arvores maguadas,  
Dentro da tarde que esmaece,  
Murmuram mysticas balladas  
Numa tristesa que enternece :  
Soffrem porque ave alguma tece  
O ninho em suas ramas tortas...  
E a sua magua avulta, cresce,  
Vendo cahir as folhas mortas !

— Noivas de flores corôadas  
Em hora azul que não se esquece,  
São hoje monjas desoladas  
Que a luz lilaz já não aquece.

A folha cáe, sobe uma prece...  
 (Por que, minh'alma, te transportas,  
 Chorando, ao-céo que empallidece,  
 Vendo cahir as folhas mortas?)

Asas palpitam em revoadas...  
 Um sino plange, plange... Desce  
 Por estas horas ennevoadas  
 Uma saudade que entristece!  
 E o coração, que a loira messe  
 De ideaes perdeu do Eden ás portas,  
 Ter dó das arvores parece  
 Vendo cahir as folhas mortas...

## OFFERTA

Alma, que em mundo atro e refece  
 Desillusões crueis supportas,  
 Olha como a arvore padece  
 Vendo cahir as folhas mortas!

## A G U A Q U E F O G E

Entre oblongos calhaus, torcicollando,  
 Flue a nivea torrente serpentina,  
 Ora beijando os pés de uma collina,  
 Ora a mole dos montes contornando.

Aqui, sobre ella uma arvore se inclina,  
 O cabelo de folhas ensopando,  
 Além, das borboletas o aureo bando  
 Brinca esfolando o azul da tremulina.

Dá de beber a passaros e flores.  
 E docemente, em lyricos rumores,  
 Some-se no horizonte que se esfuma.

Assim, cortando gandaras e searas,  
 Foge, levando á flor das aguas claras  
 Um diadema de perolas de espuma...



## A V I O L E T A

Sob o espesso docel de folhas de esmeralda,  
Do sonho do botão acorda, abre a corolla,  
E uma lagrima ardente as palpebras lhe escalda  
Vendo a triste penumbra em que o destino a isola.

O sol, que um raio d'oiro e purpura desfralda,  
Tenue raio lhe envia, ás vezes, por esmola;  
Si sae da sombra é presa em funebre grinalda  
Onde a ultima illusão no aroma se lhe evola.

Fugaz como o corisco, o beija-flor de leve  
Roça o tufo sem ver a lyrica violeta,  
Que guarda a candidez de um flócculo de neve.

As rosas com seu regio orgulho a martyrizam...  
Por isso é roxa como o seio de Julieta,  
Como as chagas de amor que nunca cicatrizam!

## A H O R A S M O R T A S

*A uma grega*

Dentro da noite, a sombra de Alighieri  
Passa rezando... Choram as neblinas.  
Funebre plange como um miserere  
O sussurro das velhas casuarinas.

Só no meu leito, ouvindo a voz do inverno,  
Que guaia sob a abobada de chumbo,  
Rólo nos sete circulos do inferno  
Desta infrene paixão de que succumbo!

Que desespero insano me tortura!  
Que pungente saudade me crucia!  
Sem teus olhares — como a noite é escura!  
Sem teus abraços — como a noite é fria!

Que sorte hedionda, que fadario infando  
Me afasta dos teus braços, do teu seio?  
No céu, um dia, adormeci sonhando,  
Para acordar na treva em que pranteio!

A todo instante, pallido, suspiro  
Por essas gregas formas de alabastro,  
Pelo tempo em que este algido retiro  
Se enchia todo do fulgor de um astro!

Não sonha mais com os échos dos teus passos  
Esta alma que deixaste quasi louca...  
E tantas vezes te apertei nos braços!  
E tantas vezes te beijei na bocca!

Foi-se o bando das minhas esperanças.  
Não conto mais, num beijo, como outr'ora,  
Soltando os fios d'ouro dessas tranças,  
Envolver-te na tunica da aurora!

E emquando a noite, gelida, caminha,  
Teu nome invoco em lagrimas desfeito,  
E, ao pensar que não mais tu serás minha,  
Com as proprias unhas dilacero o peito!

Desde que vieste, foragida  
Estatua da Hellade pagã,  
Quebrei a lyra enternecida  
Em que gemia como Ossian.  
Minha esperança não foi van!  
A illuminar meu Paraíso,  
Esplende a estrella da manhã,  
A doce luz do teu sorriso!

Si a tua fronte enlanguescida  
Beijo num gesto de galan,  
O olhar me volves, commovida,  
Do rosto — em purpura a maçã.

E em tua bocca de romã,  
Onde alvas perolas diviso,  
Fulge outra gemma em brilho irmã:  
A doce luz do teu sorriso.

Tu és o sol da minha vida!  
O teu amor de castellã  
De um antro faz jardins de Armida  
E dá-me a força de um Titan...  
Eis-me, afinal, na Chanaan  
Dos sonhos d'ouro, onde improviso  
Loas a Deus e odes a Pan,  
Á doce luz do teu sorriso!

## OFFERTA

Será de espinhos amanhã  
O chão de flores que hoje piso,  
Si me faltar, Aldebaran,  
A doce luz do teu sorriso!

## A TORTURA DA ESPERA

Quasi noite e não vem Que tarde longa e triste!  
Desde que a aurora abriu o roseo cortinado  
Espero ao longe ver surgir teu vulto amado,  
De azul como no dia infausto em que partiste.

Desce a noite. E não vens! De duvida alanceado,  
Estremeço ao pensar que, certo, me illudiste!  
E dentro do meu peito, onde um altar existe,  
Plange um sino feral em dobres a finado...

Crescente inquietação me agita e me tortura!  
Em vez de um beijo, em vez da edenica ventura,  
Esta febre, esta angustia, este queimor de brasas!

E enquanto a voz do inverno ulula á minha porta,  
No silencio desta alma, onde a esperança é morta,  
O corvo do presagio abre as sinistras asas!

## A H O R A D A M O R T E

*Num pesadelo*

Em breve eu parto para outros mundos!  
Que desconforto! Que desconforto!  
D'aqui a instantes (talvez segundos!)  
Estarei morto!

Meus olhos choram fios de sangue,  
Cavos gemidos truncam-me a voz...  
Abutres bicam meu corpo exangue  
Com furia atroz!

Sussurram vozes... Escuto passos  
Lentos... É a morte que me procura  
Para levar-me nos hirtos braços  
À sepultura!

51

Macabramente batem martellos...  
Amplos sudarios tremulam no ar...  
Surgem sinistros polichinellos  
A gargalhar!

Certo ao inferno sou condemnado  
(Ai de minh'alma!) por ter, não poucas  
Vezes, de beijos ensanguentado  
Cheirosas boccas!

No quintalejo chorões farfalham,  
Descabellados, beijando o pó;  
Alamos fremem, cedros ramalham...  
Agouros só!

Daquella que a alma sem fé me engoiva  
Lembro-me e o pranto meu rosto orvalha!  
Ah! quem me dera seu véo de noiva  
Para mortalha!

Nenhum amigo (tantos eu tinha!)  
Me vale neste lance cruel!  
Hei de sosinho sorver a minha  
Taça de fel!



Visões me assaltam... Extranha gente  
 Ri dos meus gestos desesperados...  
 Ao longe, um sino, plangentemente,  
     Dobra a finados...

Já que não posso fugir da Morte  
 (Já vae gelando meu coração!)  
 Quero que seja bem largo e forte  
     O meu caixão!

Rondam phantasmas com ar funereo...  
 As trevas descem, a luz me foje...  
 Sei que no fundo de um cemiterio  
     Vou dormir hoje!

Hão de deixar-me no Campo Santo,  
 Num abandono desolador,  
 Sem epitaphio, sem cruz, sem pranto,  
     Sem uma flôr!

Torvo coveiro me espera rindo,  
 Cantarolando sombria trova.  
 Já ouço os echos da enxada abrindo  
     A minha cova...

Soltam corujas pios insanos...  
 Ninguem na terra chora por mim...  
 Ah! como é triste na flor dos annos  
     Morrer assim!

## O C E A N O   D A   A L M A

Meu coração te espera ha quasi um anno ! E um anno  
Para quem ama é a eternidade !  
E á tona deste amor, que é um agitado oceano,  
Se enfuna a vela da saudade !

No fundo deste mar habita uma Esperança,  
Canta uma lyrica sereia  
De voz de phéltro, olhar ceruleo e fluida trança,  
Que os sonhos prende em brumea teia...

Este mar, minha linda, encerra maravilhas,  
Assombros, cousas fabulosas :  
— Procellas de perfume, ondas de nectar, ilhas  
D'oiro, archipelagos de rosas ;

Claras constellações de accessa pedraria,  
Conchas de nacar, buzios & cardeos,  
Grutas de malachite, enseadas de ambrosia,  
Syrtes de onyx, parceis de sardeos ;

Tudo encerra este mar, que espuma e se encapella  
E vagalhões de prantos rola,  
Mas que, sereno e azul, de perolas se estrellia  
Si um teu sorriso me consola...

## CANÇÃO DA NOITE SEM AURORA

A noite é fria, muito fria,  
É fria e triste... A voz do vento  
É cheia de melancholia.  
Gris, lacrimeja o firmamento.

Que noite! É o Horto da Agonia!

De longe vem, fugaz e fino,  
O olor de um cravø... O frio corta.  
No alto da curva do destino  
A lua beija a noite morta...

Na voz do vento dobra um sino...

E enquanto o vento plange fóra  
E acorda o ninho um calefrio,  
Dentro da noite sem aurora  
Tu jazes frio, frio, frio...

Meu coração, sangrando, chora!

Em funda paz dorme a cidade,  
Fechadas portas e janellas.  
Da lua á tenue claridade  
Rolam as folhas amarellas...

E eu penso em ti com que saudade!

Branqueja ao longe o cemiterio  
— Feral jardim de cruzeiras pretas  
Onde não se ouve um riso ethereo,  
Onde não brincam borboletas...

Chora o luar... Que céu funereo!

Não te pranteou de um sino o dobre  
No escarneo dessa tarde de ouro,  
Nem jaspe ou marmore recobre  
O teu esquife de anjo louro.

Só flores, só, tiveste, pobre!

Mas, na urna estreita que te encerra,  
Não estás só! Toda a ternura,  
Minh'alma, que entre sombras erra,  
Vae-te embalar em noite escura,

Vae-te aquecer dentro da terra!

Da sorte o<sup>sopro</sup>valgido e tredo  
Gelou-te as mãos, fechou-te os olhos.  
Teu berço, azul como um segredo  
De amor, partiu-se em mar de escolhos.

Antes de um anno! Era tão cedo!

E eras tão bello! E eras tão forte!  
E já sabias rir, contente,  
Abrindo os braços num transporte  
Para cingir-me docemente!  
E supportaste a dor da morte!

Que graça tinhas! Com que encanto  
Gestos fazia a mão querida!  
Eu te adorava tanto, tanto!  
Eras o enlevo desta vida

Que naufragou num mar de pranto!

Em vez do tepido conforto  
De um seio e do calor materno,  
Tens hoje, no silencio do Horto,  
As frias lagrimas do inverno!

Σ Para todo o sempre és morto!

Mas, num altar onde alvorada  
Não luz, por ti, que és mudo, exangue,  
Sempre ha de arder, da dor brotada,  
Sempre! uma lagrima de sangue,

Como uma lampada sagrada!...



## F E L I C I D A D E...

Os faustosos castellos que eu sonhára  
Hoje possúo, rei feliz, possuindo  
Teu coração, que é a perola mais rara  
E todo o jaspe desse corpo lindo!

É meu o sol dessa pupilla clara,  
E o mel dos beijos que me dás, sorrindo  
E o oiro que rola da odorante seara,  
Da undosa seára do cabello infindo...

Comtudo, ás vezes, punge-me o receio  
De perder o hibernaculo do seio  
Que para mim tem o calor dos ninhos!

Quiz ser por ti de rosas coroadó,  
Sem me lembrar, de amor embriagado,  
Que as corôas de rosas têm espinhos...

## A O V I R D A N O I T E...

Ao vir da noite, que se ajoelha e chora,  
Ao longe plange a angustia de um violino...  
Minh'alma lembra o tempo azul de outr'ora  
Emquanto a fronte pallida reclino.

Ao longe plange a angustia de um violino :  
Põe um tremor de lagrimas na lua.  
Emquanto a fronte pallida reclinô,  
A saudade em minh'alma se insinua.

Põe um tremor de lagrimas na lua  
A trisfeza elegiaca das notas.  
A saudade em minh'alma se insinua  
Como um perfume de epochas remotas.

A tristeza elegiaca das notas  
Enche de pranto as palpebras dos lirios,  
Como um perfume de epochas remotas,  
Evoca sonhos mortos e delirios.

Enche de pranto as palpebras dos lirios  
Aquella queixa que compunge as flores.  
Evoca sonhos mortos e delirios  
E os meus fataes e trágicos amores!

Aguella queixa, que compunge as flores,  
Faz sangrar as mais velhas cicatrizes!  
E os meus fataes e tragicos amores  
No meu peito mergulham as raizes!

Faz sangrar as mais velhas cicatrizes  
O aureo enxame de abelhas melodiosas.  
No meu peito mergulham as raizes  
Roseiras más, que nunca deram rosas!

O aureo enxame de abelhas melodiosas  
Acorda a paz da terra adormecida.  
Roseiras más, que nunca deram rosas,  
Enchem de espinhos toda a minha vida!

Acorda a paz da terra adormecida  
Aquella ardente musica de pranto.  
Enchem de espinhos toda a minha vida  
As lembranças daquella que amo tanto!

Aquella ardente musica de pranto  
Transporta as almas á mansão celeste.  
As lembranças daquella que amo tanto  
Palpitam como a sombra de um cypreste!

Transporta as almas á mansão celeste  
Aquelle choro cada vez mais triste...  
Palpitam como a sombra de um cypreste  
As lagrimas do amor maior que existe!

Aquelle choro cada vez mais triste  
É como o adeus de um naufrago entre escolhos.  
As lagrimas do amor maior que existe  
Vão subindo em torrentes aos meus olhos.

É como o adeus de um naufrago entre escolhos,  
Essa canção que supplica murmura,  
Vão subindo em torrentes aos meus olhos  
Os prantos de uma longa desventura.

Essa canção, que supplicas murmura,  
Lembra um terceto funebre de Dante.  
Os prantos de uma longa desventura  
Descem a fio, queimam-me o semblante.

Lembra um terceto funebre de Dante  
Aquelle grito de uma dor sem calma.  
Descem a fio, queimam-me o semblante:  
As lagrimas irropem de min'halma.

Aquelle grito de uma dor sem calma  
Misericordia ou beijo extremo implora...  
As lagrimas irrompem de minh'alma,  
Ao vir da noite, que se ajoelha e chora...

L Y R A A Z U L

I

Vagueio pelas florestas,  
Pelo valle, pelo prado,  
Colhendo lyrios e giestas  
Para offertar-te, anjo amado.

Vê quantas acerbas dores  
Me custam os teus carinhos:  
Para cercar-te de flores,  
Vivo cercado de espinhos !

II

Quando desfia o atro inverno  
Glaciaes nebulosidades,  
Procuro o teu seio terno  
Para matar as saudades.

Mas, logo que deixo a calma  
Estancia em que asas palpitam,  
Uma por uma, em minh' alma  
As saudades resuscitam...



## III

No livro do céu profundo  
Eu lia, em letras radiantes,  
A sorte dos que no mundo  
Sonham dias fulgurantes.

Li a tua: num transporte,  
As estrellas mais brilharam.  
Quando fui ler minha sorte,  
As estrellas se apagaram...

## IV

Amo o silencio. O lamento  
Da agua que foge, a canção  
Das aves, a voz do vento,  
— Tudo me causa afflicção.

Busco o silencio do leito:  
Mas, com acerbo pesar,  
Descubro dentro do peito  
Um velho sino a dobrar...

## V

Desde que á terra baixaste  
Num crepusculo opalino,  
— Pobre flor vergada na haste  
Pelo tufão do destino! —

No meu vergel, entre os frouxos  
Adejos das borboletas,  
Só floriram lyrios roxos,  
Só se abriram rosas pretas...

## VI

Névoa... Névoa... O céu negreja...  
Mas nem sempre a noite é escura:  
Si hoje Vesper não lampeja,  
Mais linda amanhã fulgura.

E em minh'alma — noite aziaga  
Que mais e mais escurece, —  
Quando uma estrella se apaga,  
Essa não mais resplandece!

## VII

Em cada folha de rosa  
Do teu jardim perfumado,  
Com letra leve e graciosa,  
Deixei meu nome gravado.

Gravei meu nome, rezando,  
Para ver si alcanço a palma  
De o ver um dia brilhando  
No fundo azul de tua alma.

## VIII

Como dois rios que infundem  
Medo a correr num fracasso,  
Na embocadura se fundem  
Num só, num eterno abraço,

— Nossas almas se buscaram  
E, num lyrico transporte,  
Na foz do amor se juntaram  
Para a vida e para a morte !

## IX

Amei-te. Que amor profundo !  
Que celeste embriaguez !  
Eras a única no mundo,  
Linda como a linda Ignez !

O meu peito era uma fragua,  
Ardia o meu coração.  
Mas bastou um pingo de agua  
Para apagar o vulcão...

## X

Propalas com riso terno  
Que odeias as flores tanto  
Como as arvores o inverno  
Que lhes rouba o glauco manto.

Como crer nas tuas phrases  
Si tu, flor das mentirosas,  
Nas faces de neve trazes  
Duas esplendidas rosas ?

## XI

Uma garrula andorinha  
 Chilreia no meu telhado :  
 Celebra a ventura minha,  
 A gloria de ser amado.

E enquanto, alegre, chilreia,  
 Eu, mudo, porque estás longe,  
 Sinto a alma de brumas cheia,  
 Tenho a tristeza de um monge !

## XII

Quando chove e a noite augusta  
 Com majestade apparece,  
 No céu, de um negror que assusta,  
 Nem um astro resplandece.

Mas os teus olhos — amados  
 Céos nocturnos — quando choras,  
 Ficam de chofre estrellados !  
 Causam inveja ás auroras !

## XIII

Quando tu hontem, formosa,  
 No meu rosal, cauta e esquivã,  
 Corrias de rosa em rosa  
 Colhendo as de côr mais viva,

Quasi te preendi nos braços,  
 De amor num extremo arroubo,  
 Para cobrar em abraços  
 Todas as rosas do roubo ...

## XIV

Ao descer a noite algente,  
 Do meu collar de rainha  
 Cahiu uma estrella ardente ...  
 Com certeza foi a minha !

## XV

Sem os meus ternos carinhos,  
 Dizes que soffres. Eu creio.  
 Quem guarda flores no seio  
 Ha de sentir os espinhos ..

## XVI

Salgueiro, que te debruças  
Para chorar sobre as aguas,  
Em vão sobre ellas soluças!  
Não se vão as tuas maguas!

## XVII

Por uma hora de venturas  
Tantos dias de pesar...  
Ha tantas noites escuras  
E tão poucas de luar!

C A T A S O L



V A I D A D E

Porque eu, num madrigal, te comparei ás rosas,  
Ficaste crendo que és das flores a rainha:  
E já queres subir a alturas prodigiosas,  
Ter surtos de condor com asas de andorinha!

E' tão bom ser violeta, e, á sombra de uma leira  
Em flor, guardar intacto o aroma azul! Pois olha:  
A rosa de mais graça e purpura é a primeira  
Que a corôa real de petalas desfolha...

## SACRIFICIO INUTIL

Deante do confessor te ajoelhas, e, tremente,  
Uns peccados pueris contas com voz que chora,  
Para ficar com a alma azul, resplandecente,  
Como o céu ao tomar a communhão da aurora.

Murmuras em seguida as mais ardentes preces,  
Batendo com unction no immaculado peito:  
Mas Deus não te ouvirá, por mais que te confesses,  
Emquanto eu não perdoar o mal que me tens feito!

## A D O R M A I O R

Quando eu te disse o adeus de extrema despedida,  
Sob o caramanchel, num placido recanto,  
Tua alma soluçou de subito ferida  
E teus olhos azues encheram-se de pranto!

Mudo, sem o fulgor de uma divina opala  
Nos cilios, abracei-te entre um pungir de abrolhos:  
Mas a dor que mais dóe é aquella que se cala!  
O pranto que mais arde é o que não sobe aos olhos!

A U M A M E N I N A

Nos teus olhares de doçura cheios  
Palpita a luz de um mystico delubro,  
Mas sob a gaze que te esconde os seios  
Flammeja um sol esplendido de Outubro.

Teus seios... Diz o colibri mais lindo  
Que sente, ao vel-os, a emoção sincera  
Que agita as aves quando vão florindo  
Os primeiros botões da primavera...

M O R T A

la dormindo num esquite estreito...  
Passára pela vida tão de leve  
Como a violeta que levava ao peito,  
Como impolluto flocculo de neve.

Aproximei-me de amargura preso,  
E, encontrando-a tão diaphana e tão bella,  
Peguei nas alças para ver seu peso:  
— Meu coração pesava mais do que ella!

## AO PÉ DE UM TUMULO

Descansa em paz, formosa creatura!  
Deus te proteja, candida andorinha!  
Quando eu morrer, a tua sepultura  
Será também a minha!

Hei de dormir um somno perfumado,  
Aninhando a cabeça no teu peito,  
Para que os vermes, vendo-te a meu lado,  
Se afastem com respeito!

## O AROMA DOS TEUS BEIJOS

Quando, louca de amor, inteiramente louca,  
Preso nos braços meus, me beijas fervorosa,  
Teu beijo virginal deixa na minha bocca  
O aroma de uma rosa.

Beija, quando eu morrer, meu corpo inerte e frio,  
Mil vezes, para que meu feretro sem flores,  
Em viagem para o horror do paramo sombrio  
Jorre amphoras de olores!



E tanto ha de cheirar meu corpo miserando,  
Onde hão de os beijos teus florir como violetas,  
Que, attrahido, virá seguir o enterro o bando  
Azul das borboletas . . .

## O B O R D A D O

No alpendre, onde palpita a colgadura  
Das niveas trepadeiras trescalando,  
Dentro de um sonho cheio de doçura,  
Ella passa os crepusculos bordando.

A sua mão, de gemmas rorejada,  
No azul da tela, rapida, passeia,  
Como uma borboleta albirosada  
Por sobre o tulle de arachnidea teia.

Ha dias, ella, carinhosa e grata,  
Offertou-me, corando como as rosas,  
Um regio mimo : — um céu de seda e prata  
Estrellado de perolas custosas.

Gentileza de lyrio! Como eu amo  
Aquella Flor, que, evaporando olores,  
Me offereceu no meio do recamo  
O coração bordado a sete côres!

## A S E S T R E L L A S

Dentro da noite, haurindo o aroma agreste  
Dos floreos tufo, dos capões de rosas,  
Contemplamos a abobada celeste  
Pontilhada de luzes buliçosas.

E a minha amada, descobrindo o collo,  
— Região boreal de gelida brancura, —  
A mirar a amplidão de polo a polo:  
«Quantas estrellas tem o céu!», murmura.

Causa-lhe assombro o numero de opalas  
Que Deus semeia pelo azul! E fica,  
Longo tempo, no intuito de contal-as,  
Olhando o espaço que o oiro astral salpica.

Contar estrelas, que loucura! Abete-a  
 A viva luz! E em rapidos instantes,  
 Sua alma, voando para a Via-Lactea,  
 Se perde numa poeira de diamantes...

E não se lembra a sylphide que adoro  
 Que não são as estrelas nem metade  
 Das crystallinas lagrimas que choro  
 No silencio das horas de saudade!

Tarde. Fugia ao longe uma galera...  
 O glauco mar, aos nossos pés, na praia,  
 Desfolhava a fluctuante primavera  
 De flocculos de espuma de cambraia.

Entre sorrisos de um celeste encanto,  
 Numa voz que era um choro de sereia,  
 Tu me juravas terno amor enquanto  
 Eu escrevia canticos na areia.

Glorificava essa belleza slava  
 Em rimas que floriavam como rosas,  
 E que o mar, como perolas, guardava  
 No seio azul das conchas marulhosas...

Logo, porém, tudo esqueceste ... E agora,  
Quando á beira do Atlantico divagas,  
Has de, escutando a voz do mar, que chora,  
Teu nome ouvir na musica das vagas.

São os meus versos que atravez das ondas  
Pelas conchas ecoam de angra em angra,  
Como suspiros desse mar que sondas,  
Como o clamor de um coração que sangra !

Attende ! São meus canticos dispersos  
Que em écos plangem pela tarde calma !  
O mar guardou nas conchas os meus versos  
Como eu guarde teu nome dentro da alma !

I N D I C E



# A U R E O L A S

	Pags.
Canto Real da Gloria . . . . .	11
Á sombra dos montes . . . . .	15
Angelus . . . . .	16
Borboleta presa . . . . .	19
A hora azul . . . . .	22
Ballada das rosas . . . . .	23
Rondó . . . . .	25
Ballada lyrica . . . . .	27
O salgueiro . . . . .	29
A feia . . . . .	30
Ballada da Agonia . . . . .	34
Visita nocturna . . . . .	37
Céo deserto . . . . .	40
Ballada das folhas mortas . . . . .	41
Agua que foge . . . . .	43
A violeta . . . . .	44
A horas mortas . . . . .	45
Ballada côr de rosa . . . . .	47
A tortura da espera . . . . .	49
Á hora da morte . . . . .	50
Oceano da alma . . . . .	54
Canção da noite sem aurora . . . . .	56
Felicidade... . . . .	60
Ao vir da noite. . . . .	61

## L Y R A A Z U L

	Pags.
I — Vagueio pelas florestas . . . . .	67
II — Quando desfia o atro inverno . . . . .	67
III — No livro do céu profundo . . . . .	68
IV — Amo o silencio. O lamento . . . . .	68
V — Desde que á terra baixaste . . . . .	69
VI — Névoa... Névoa... O céu negreja....	69
VII — Em cada folha de rosa . . . . .	70
VIII — Como dois rios que infundem . . . . .	70
IX — Amei-te. Que amor profundo! . . . . .	71
X — Propalas com riso terno . . . . .	71
XI — Uma garrula andorinha . . . . .	72
XII — Quando chove e a noite augusta . . . . .	72
XIII — Quando tu hontem, formosa, . . . . .	73
XIV — Ao descer a noite algente, . . . . .	73
XV — Sem os meus ternos carinhos . . . . .	73
XVI — Salgueiro, que te debruças . . . . .	74
XVII — Por uma hora de venturas . . . . .	74

## C A T A S O L

Vaidade. . . . .	77
Sacrificio inutil . . . . .	78
A dor maior . . . . .	79
A uma menina . . . . .	80
Morta . . . . .	81

	Pags.
Ao pé de um tumulo . . . . .	82
O aroma dos teus beijos . . . . .	83
O bordado . . . . .	85
As estrellas . . . . .	87
Na praia . . . . .	89